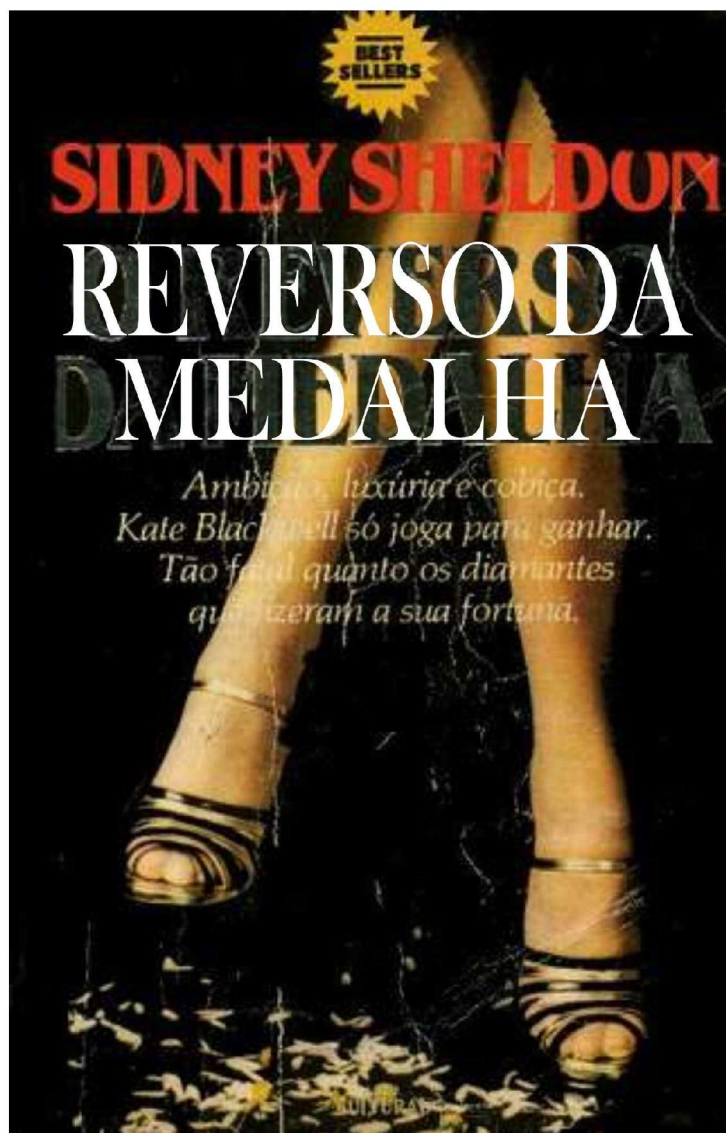


PDL

Projeto Democratização da Leitura

www.portaldetonando.com.br



Sobre a Digitalização desta Obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-livro ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

www.portaldetonando.com.br

O Reverso Da Medalha

SIDNEY SHELDON

Título original; MASTER OF THE GAME Tradução de: EDUARDO SALÓ

A meu irmão Richard, Coração de Leão A minha gratidão vai para Miss Geraldine Hunter, pela sua paciência infinita e auxílio na preparação deste manuscrito.

“E eis que uma paixão dominante no peito, Como a serpente de Aarão, devora o resto.” Papa Alexandre, Ensaio sobre o Homem, Epístola II “Os diamantes resistem às pancadas numa tal extensão que um martelo de ferro se pode partir em dois e até a bigorna se pode deslocar. Esta força invencível, que desafia as duas forças mais violentas da Natureza, o ferro e o fogo, pode dominar-se com sangue de cordeiro. Mas deve embeber-se em sangue novo e quente e, mesmo assim, são necessárias muitas pancadas.” Plínio, o Antigo

PRÓLOGO

Kate 1982 - O vasto salão de baile estava cheio de fantasmas familiares que tinham acudido para ajudar a celebrar o aniversário dela. Kate Blackwell via-os misturarem-se com as pessoas de carne e osso e, no seu espírito, a cena constituía uma fantasia de sonho, enquanto os visitantes de outra época e lugar deslizavam em torno da área de dança com os convidados, despreocupados, de gravata preta e vaporosos vestidos de noite. Havia uma centena de pessoas na festa em Cedar Hill, Dark Harbor, Maine. “Sem contar com os fantasmas”, refletia Kate Blackwell, com uma ponta de malícia.

Era uma mulher esguia, de estatura mediana e porte majestoso, que a fazia parecer mais alta. Possuía um rosto que perdurava na memória das pessoas com as quais convivia: traços faciais irrepreensíveis, olhos cinzento-alvorada e queixo voluntarioso, fusão de antepassados holandeses e escoceses. Tinha cabelos brancos, acetinados, que outrora deviam ter sido uma cascata negra exuberante, e, em contraste com as pregas graciosas do vestido de veludo-marfim, a pele apresentava a translucidez suave que a velhice por vezes proporciona.

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

www.portaldetonando.com.br

“Não me sinto com noventa”, pensava ela. “Para onde foram todos os anos? Eles sabem”, prosseguiu, contemplando os fantasmas que dançavam. “Estavam presentes. Fizeram parte daqueles anos, da minha vida.” Avistou Banda, o rosto negro altivo e sorridente. E lá estava também o seu David, o David querido, alto, jovem e bem-parecido, com o aspecto que tinha quando se enamorara dele. Ao vê-lo sorrir-lhe, ela pensou: “Já falta pouco, meu amor!” E deplorava que não tivesse vivido o suficiente para conhecer o bisneto.

Os olhos de Kate esquadriharam o salão até que o localizaram. Encontrava-se perto da orquestra, entretido a observar os músicos. Era um garoto, que se podia considerar bonito, quase com oito anos, cabelos louros, envergando casaco de veludo preto e calça de tartã. Robert era uma réplica do trisavô, Jamie McGregor, que se achava representado na tela por cima da lareira de mármore. Como se pressentisse os olhos da bisavó pousados nele, Robert voltou-se e Kate chamou-o com um movimento ondulatório dos dedos, em que cintilava o diamante de vinte quilates que o pai retirara de uma praia arenosa, havia quase cem anos, agora realçado pelo clarão do candelabro de cristal. Enquanto o petiz abria caminho por entre os pares de dançarinos, ela observava-o com prazer. “Sou o passado”, admitia para consigo. “Ele é o futuro. O meu bisneto assumirá, um dia, a direção da Kruger-Brent International.” Por fim, Robert encontrou-se a seu lado e Kate desviou-se um pouco para que ele pudesse sentar-se.

- Estás a gostar da tua festa de aniversário, bisavó?

- Muito. Obrigada, Robert. - É uma orquestra formidável. Acho o chefe mesmo “mau”...

Ela olhou-o em confusão momentânea e acabou por sorrir. - Isso deve querer dizer que é bom.

- Exato – e o garoto sorriu igualmente. - Ninguém te dá noventa anos.

- Aqui para nós – replicou Kate, com uma risada -, não os sinto. Ele pegou-lhe na mão e conservaram-se imersos em silêncio de felicidade, em que a diferença de oitenta e dois anos nas idades lhes proporcionava uma afinidade reconfortante. Kate moveu a cabeça para ver a neta dançar. Ela e o marido eram, sem dúvida, o par mais atraente que se movia ao ritmo da orquestra. A mãe de Robert viu este e sua avó sentados juntos e pensou: “É uma mulher incrível. Parece intemporal. Ninguém diria as vicissitudes que conheceu.”

A orquestra interrompeu a atuação e o chefe anunciou:

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

www.portaldetonando.com.br

- Minhas senhoras e meus senhores, tenho o prazer de lhes apresentar o menino Robert. Este apertou a mão da bisavó, levantou-se e aproximou-se do piano. Após breve hesitação, sentou-se de expressão grave e concentrada, e os dedos principiaram a mover-se rapidamente no teclado. Tocava Scriabin e dir-se-ia o ondular do luar na água.

A mãe escutava e refletia: “É um gênio. Há-de tornar-se um grande músico.” Já não era o seu bebê. Pertenceria ao mundo. Quando Robert chegou ao fim, os aplausos foram entusiásticos e sinceros.

Algumas horas antes, o jantar fora servido ao ar livre. O jardim espaçoso e formal apresentava uma decoração festiva, com lanternas, fitas e balões. Os músicos tocavam no terraço, enquanto empregados de libré se moviam em torno das mesas, silenciosos e eficientes, para se certificarem de que os copos de Baccarat e os pratos de Limoges se mantinham cheios. Foi lido um telegrama do presidente dos Estados Unidos. Um juiz do Supremo Tribunal propôs um brinde a Kate.

O governador enalteceu-a: “...Uma das mulheres mais notáveis da história desta nação. Os donativos de Kate Blackwell a centenas de instituições de caridade de todo o mundo são lendários. A Fundação Blackwell contribuiu para a saúde e o bem-estar de pessoas de mais cinquenta países. Parafraseando o falecido Winston Churchill, “Nunca tantos deveram tanto a tão poucos.” Tive o privilégio de conhecer Kate Blackwell...” “Lérias!”, cogitava Kate. “Ninguém me conhece. O fulano parece que se refere a uma santa. Que diria toda esta gente se conhecesse a verdadeira Kate Blackwell?”

Concebida por um ladrão e raptada quando ainda não tinha um ano de idade. Que pensariam se lhes mostrasse as cicatrizes de balas no meu corpo?”

Moveu a cabeça e fixou o olhar no homem que outrora tentara matá-la. Os seus olhos deslocaram-se para além dele e cravaram-se num vulto na sombra, que usava véu para encobrir o rosto. Tendo um trovão distante como contraponto, Kate ouviu o governador terminar a alocução e apresentá-la. Ela levantou-se com lentidão e, em voz firme e grave, proferiu:

- Vivi mais que qualquer dos presentes. Como diria um jovem de hoje, “grande avaria!”. No entanto, alegra-me ter chegado a esta idade, porque de contrário não estaria entre tantos amigos. Sei que alguns de vós vieram de países distantes para se encontrarem junto de mim, esta noite, e devem sentir-se fatigados da viagem. Não posso esperar que

todos possuam a minha energia.

Registrou-se uma gargalhada geral e aplausos. - Estou-lhes profundamente grata por este memorável serão. Jamais o esquecerei. Os aposentos encontram-se preparados, se alguém deseja ir descansar. Quanto aos outros, segue-se baile no salão. Soou novo trovão, agora mais próximo.

- Sugiro que entremos, antes que sejamos surpreendidos por uma das nossas famosas tormentas do Maine.

Agora, o jantar e o baile tinham terminado, os convidados achavam-se nos quartos e Kate ficara só com os seus fantasmas. Estava sentada na biblioteca, mergulhada gradualmente no passado, e, de súbito, sentiu-se deprimida. “Já não há ninguém para me chamar Kate. Partiram todos.” O seu mundo mirrara. Não fora Longfellow quem dissera: “As folhas das recordações produzem um sussurro lúgubre nas trevas”? Ela penetraria nas trevas dentro em breve, mas não imediatamente. “Ainda tenho de executar o ato mais importante da minha vida.

Sê paciente, David. Não tardarei a estar a teu lado.” - Bisavó...

Kate estremeceu e descerrou as pálpebras. A família entrara na sala. Ela contemplou-os, um a um, os olhos convertidos numa objetiva implacável, sem perder um pormenor. “A minha família. A minha imortalidade. Uma assassina, um ser grotesco e um psicopata. Os esqueletos Blackwell. Foi nisto que redundaram todos os anos de esperança, dor e sofrimento?”

- Não te sentes bem, avó? - a neta encontrava-se na sua frente.

- Apenas um pouco cansada. Vou-me deitar.

Kate levantou-se e principiou a mover-se para a porta, no momento em que explodia um trovão violento e a tormenta irrompia espetacularmente, a chuva incidindo nas janelas com a impetuosidade de rajadas de metralhadora. A família observava, enquanto a anciã alcançava o topo da escada com o aprumo habitual. Um relâmpago rasgou a atmosfera e soou novo trovão. Kate Blackwell voltou-se para os contemplar e, quando falou, empregou o sotaque dos antepassados:

- Na África do Sul, chamávamos a isto uma donderstorm. O passado e o presente começaram a fundir-se uma vez mais, e ela atravessou o corredor em direção aos seus aposentos, rodeada pelos fantasmas familiares confortáveis.

PRIMEIRA PARTE

Jamie 1883-1906 primeiro

- Isto é mesmo uma donderstorm, meu Deus! - exclamou Jamie McGregor. Crescera entre as violentas tempestades das Terras Altas escocesas, mas nunca presenciara um espetáculo tão impressionante como aquele. O céu da tarde fora repentinamente obliterado por densas nuvens de areia que transformaram o dia em noite de um momento para o outro. Ao mesmo tempo, o espaço era iluminado pelos clarões dos relâmpagos, weer-lif>, segundo a denominação dos Africânderes – que queimavam a atmosfera, seguidos do donderslag, trovão. Em seguida, o dilúvio. Lençóis de chuva que esmagavam o exército de tendas e cabanas de estanho e convertiam as ruas de terra batida de Klipdrift em torrentes impetuosas de lama. O céu estava transformado num pandemónio com o ribombar quase incessante, como o troar da artilharia numa guerra espacial.

Jamie McGregor deu um salto rápido para o lado, no instante em que uma casa de tijolos crus se dissolveu em lama, e perguntou a si próprio se a cidade de Klipdrift sobreviveria.

No fundo, não se tratava de uma cidade, mas de uma aldeia de lona, uma massa compacta de tendas, cabanas e carroças que se acumulavam ao longo das margens do rio Vaal, habitada por sonhadores alucinados atraídos à África do Sul de todos os recantos do mundo pela mesma obsessão: diamantes.

Jamie McGregor era um dos sonhadores. Acabava de completar dezoito anos, um rapaz bem-parecido, alto, de cabelos louros e olhos cinzento-claro. Deixava transparecer uma candura atraente, uma ansiedade por agradar que resultava cativante. Tinha um temperamento despreocupado e uma alma repleta de otimismo.

Viajara quase doze mil quilômetros, desde a herdade do pai, nas Terras Altas da Escócia, até Edimburgo, Londres, Cidade do Cabo e agora Klipdrift. Renunciara à sua parte na propriedade que ele e os irmãos haviam cultivado com o pai, mas não estava arrependido. Sabia que obteria a recompensa largamente. Trocara a segurança da única vida que sempre conhecera por aquele lugar distante e desolador, porque estava disposto a enriquecer. O trabalho duro não o assustava, mas o produto do cultivo da herdade ao norte de Aberdeen era escasso. Mourejara do nascer ao pôr-do-Sol, com os irmãos, a irmã, Mary, e os

pais, e não se podiam vangloriar de haverem arrecadado proventos dignos de menção. Uma vez, visitara uma feira em Edimburgo e contemplara as coisas extraordinárias que o dinheiro permitia comprar. Na verdade, tornava a vida fácil, quando se possuía com abundância. Já-mie assistira à vida e morte na miséria de demasiados amigos para duvidar disso.

Recordava-se da sua excitação quando se inteirara da última corrida aos diamantes na África do Sul. Fora encontrada na areia a maior pedra preciosa que se conhecia, e constava que a área constituía uma vasta arca de tesouros à espera que a abrissem.

Comunicou a notícia à família numa noite de sábado, após o jantar, quando se sentavam em torno da mesa da cozinha.

- Vou partir para a África do Sul, à procura de diamantes... - anunciou com um misto de timidez e orgulho. Cinco pares de olhos fixaram-se nele, como se acabasse de dar provas irrefutáveis de loucura incurável.
- À procura de diamantes? - ecoou finalmente o pai. - Não deves regular bem.

Tudo isso que contam são balelas, uma tentação do demónio para impedir os homens de ganhar a vida honestamente. - Porque não nos explicas onde vais arranjar o dinheiro para a viagem? - interpôs o irmão Ian. - Isso fica do outro lado do mundo e não tens vintém. - Se tivesse dinheiro não precisava de procurar diamantes – retorquiu Jamie.

- Nenhum dos homens que lá estão é rico. Serei igual aos outros. Tenho miolos e braços fortes. Hei-de alcançar o meu objetivo.

- Annie Cord vai ficar desapontada – lembrou Mary. - Espera casar contigo um dia.

Jamie adorava a irmã, que era mais velha, aparentando quarenta anos, embora acabasse de completar vinte e quatro, e nunca possuía uma coisa bela na sua vida. “Hei-de alterar isso”, prometeu a si próprio. A mãe, por seu turno, sem proferir palavra, pegou na caçarola que continha o estufado que sobrara e afastou-se para o fogão.

Mais tarde, naquela noite, procurou Jamie, quando se encontrava deitado.

Pousou-lhe a mão no ombro, e a sua voluntariedade transmitiu-se ao filho. - Faz o que te parecer justo. Não sei se há diamantes lá em baixo, mas se houver hás-de descobri-los – introduziu a mão no

avental e puxou de uma pequena bolsa de cabedal. - Consegui economizar umas libras, apesar de tudo. Não digas nada aos outros. Que Deus te abençoe, Jamie.

Quando partiu para Edimburgo, ele levava cinquenta libras na algibeira. A viagem até à África do Sul não foi agradável, e Jamie McGregor necessitou de quase um ano para a completar. Arranjou um emprego como criado de mesa de um restaurante de Edimburgo, até juntar mais cinquenta libras ao seu pecúlio. A seguir, transferiu-se para Londres, cujas dimensões e movimento o deixaram boquiaberto. Havia cabrioles por toda a parte, que transportavam belas mulheres de chapéus de abas largas, saias de fole e sapatos reluzentes. Ele observava-as com admiração, quando se apeavam para fazer compras na Burlington Arcade, onde se achavam expostos os artigos mais atraentes e dispendiosos.

Encontrou alojamento numa casa de Fitzroy Street, 32, onde lhe cobravam dez xelins por semana, mas era o mais barato que conseguira descobrir. Passava os dias nas docas, em busca de um navio que o levasse à África do Sul, e as noites nas artérias londrinas, para admirar a vida noturna de longe. Certa vez, divisou Eduardo, o príncipe de Gales, quando este entrava para um restaurante perto de Covent Gardens pela porta lateral, com uma mulher vistosa pelo braço, a qual usava um chapéu florido, que James pensou que assentaria bem na cabeça da irmã. Assistiu a um concerto no Crystal Palace, construído especialmente para a Grande Exposição de 1851. Visitou Drury Lane e, no intervalo, introduziu-se no Teatro Savoy, onde haviam instalado a primeira iluminação elétrica num edifício público britânico. Algumas ruas eram iluminadas por eletricidade, e James ouviu dizer que havia possibilidade de falar com alguém do outro lado da cidade através de uma nova máquina maravilhosa a que chamavam telefone. Ao contemplar tudo aquilo, afigurava-se-lhe que se debruçava sobre o futuro.

Apesar de todas as inovações e atividades, a Inglaterra atravessava uma crise econômica crescente, naquele Inverno. As ruas achavam-se repletas de desempregados e pessoas famintas e registravam-se manifestações e recontros com as autoridades. “Tenho de sair daqui”, decidiu Jamie. “Vim para fugir à pobreza.” No dia seguinte, foi admitido como criado de bordo no Walmer Castle, que partia para a Cidade do Cabo, na África do Sul.

A viagem pelo mar durou três semanas, com paragens na Madeira e em Santa Helena, para reabastecimento de carvão. Foi um percurso duro, no auge do Inverno, e Jamie enjoou virtualmente a partir do momento em que subiu para bordo. Não obstante, nunca perdeu a coragem, pois cada dia que passava colocava-o mais próximo da sua arca de tesouros. A medida que o navio se acercava do Equador, o clima modificava-se. Miraculosamente, o Inverno começou a ceder gradualmente o lugar ao Verão e, com a proximidade da costa africana, os dias e as noites tornaram-se mais quentes e úmidos. O Walmer Castle chegou à Cidade do Cabo ao amanhecer, movendo-se prudentemente ao longo do estreito canal que dividia o vasto e leproso aglomerado populacional de Robben Island do continente, até que fundeou em Table Bay.

Jamie surgiu na cobertura antes do nascer do Sol, para observar, mesmerizado, a dissipação lenta da neblina matinal e o espetáculo admirável de Table Mountain, sobranceira à cidade. Chegara ao seu destino. Assim que o navio acostou ao cais, as cobertas fora invadidas por uma horda de pessoas de aspecto estranho. Havia cor-retores de todos os hotéis – indivíduos negros, amarelos, castanhos e vermelhos, que se ofereciam freneticamente para transportar a bagagem – e garotos que corriam de um lado para o outro com jornais, doces e fruta para vender. Condutores de cabrioles que eram mestiços; parses ou negros vociferavam a ansiedade por que contratassem os seus serviços. Vendedores impelindo pequenos carros de mão apregoavam os artigos mais variados. A atmosfera estava cheia de moscas enormes. Marinheiros e empregados de bordo abriam caminho por entre a multidão com dificuldade, enquanto os passageiros desenvolviam esforços desesperados para manter a bagagem junta e sob as suas vistas. Imperava uma babel de vozes e ruídos. As pessoas falavam umas com as outras num idioma que Jamie nunca ouvira.

- Yulle kom van de Kaap, neh? - H et julle mine papa zyn wagen gezien?

- Wat bedui'di? - Huistoe! Não conseguia entender uma palavra.

A Cidade do Cabo era totalmente diferente de tudo o que Jamie vira até então. Não havia duas casas iguais. Ao lado de um largo armazém de dois ou três pisos, de tijolos ou alvenaria, viam-se uma pequena cantina de ferro galvanizado, uma ourivesaria, uma mercearia e uma tabacaria.

Sentia-se impressionado com os homens, mulheres e crianças que percorriam as ruas. Viu um cafre, de calças de xadrez e casaco de um tecido que parecia serapilheira, que se movia atrás de dois chineses, de mãos dadas, trajados de uma forma não menos exótica. Agricultores bóeres conduzindo carroças carregadas de batatas, milho e legumes vários. Homens de casacos de veludo e chapéus de feltro, caminhando, altivos, ao lado de mulheres ataviadas de forma mais modesta. Lavadeiras parses com volumosas trouxas de roupa à cabeça abriam caminho por entre militares de uniforme vermelho e capacete. Na realidade, era um espetáculo fascinante.

A primeira coisa que ele fez foi procurar uma pensão pouco dispendiosa que lhe fora recomendada por um marinheiro do navio em que viajara. A proprietária, uma mulher de meia-idade, busto avultado e faces rechonchudas, examinou-o dos pés à cabeça e inquiriu: - Zoek yulle goud?

- Desculpe, mas não compreendo – balbuciou ele, corando.

- Ah, é inglês? Veio à procura de ouro? Diamantes? - Sim, diamantes.

- Vai gostar disto – afirmou ela, convidando-o a entrar. - Tenho todas as comodidades para jovens como você – e fez uma pausa, enquanto Jamie perguntava a si próprio se se trataria de uma comerciante de prazeres de alcova. - Sou Mistress Venster, mas os amigos tratam-me por Dee-Dee – e sorriu, revelando um dente de ouro. - Pressinto que nos vamos entender muito bem. Peça tudo o que quiser.

- É muito amável. Onde posso obter um mapa da cidade? Munido do mapa, Jamie iniciou as explorações. Num dos lados da cidade, encontravam-se os subúrbios de Ronde-bosch, Claremont e Wynberg, que se estendiam ao longo de quilômetros de plantações e vinhedos. No outro, situavam-se os arrabaldes marítimos de Sea Point e Green Point. Ele percorreu a zona residencial dos ricos, por Strand Street e Bree Street, admirando as imponentes construções de dois pisos que exsudavam opulência por todos os poros. A excursão foi terminada prematuramente pelos densos enxames de moscas que povoavam as ruas e lhe pareceram reproduzidos no momento em que entrou no quarto da pensão, onde cobriam as paredes, a mesa e a cama.

Abismado com o que se lhe deparava, resolveu procurar a dona da pensão.

- Mistress Venster, pode fazer alguma coisa acerca das moscas no meu

quarto? São positivamente... No entanto, ela interrompeu-o com uma risada e uma palmada cordial no ombro.

- Myn magtib. Há-de habituar-se, verá. O saneamento básico da Cidade do Cabo era primitivo e inadequado e, quando o Sol se punha, um vapor odorífero envolvia a atmosfera como um cobertor nocivo, insuportável. Não obstante, Jamie sabia que o suportaria. Necessitava de mais dinheiro antes de iniciar a etapa seguinte, pois tinham-no advertido de que não sobreviveria nos campos de diamantes sem o mínimo de fundos, em virtude de os preços e a exploração praticados excederem tudo o que se podia conceber.

No seu segundo dia na Cidade do Cabo, encontrou trabalho sob a forma de condução de uma parilha de cavalos para uma firma de transportes. No terceiro, começou a lavar loiça num restaurante, após o jantar. Alimentava-se dos restos que conseguia pôr de parte e levava para a pensão, embora tivessem um sabor estranho que o levava a sentir saudades dos petiscos da mãe. De qualquer modo, não se lamentava, mesmo a si próprio, enquanto sacrificava a alimentação e o conforto para aumentar as suas economias. Tomara uma decisão inabalável, da qual nada o desviaria. Entretanto, sentia-se profundamente só. Não conhecia ninguém naquela cidade estranha e custava-lhe suportar a ausência da família e dos amigos. Conquanto gostasse da solidão, a sensação de isolamento constituía uma amargura constante.

Por fim, chegou o dia mágico. A sua bolsa continha a magnífica quantia de duzentas libras. Estava, pois, preparado para o empreendimento supremo. Partiria da Cidade do Cabo na manhã seguinte, rumo aos campos de diamantes. As reservas de lugares para as carruagens de passageiros com destino aos campos de diamantes de Klipdrift eram asseguradas pela Inland Transport Company, num pequeno barracão perto das docas. Quando Jamie chegou, às sete da manhã, havia tanta gente em volta que nem sequer conseguiu aproximar-se. Calculou estarem reunidas várias centenas de pesquisadores de fortunas, empenhados em obter lugar num dos próximos transportes. Provinham de pontos distantes como a Rússia, a América, a Austrália, a Alemanha e a Inglaterra e vociferavam numa dezena de idiomas diferentes, implorando aos vendedores de passagens que encontrassem espaço para eles. Jamie avistou um corpulento irlandês que acabava de transpor a saída e abordou-o. - Desculpe, mas que se passa lá dentro?

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

www.portaldetonando.com.br

- Nada – grunhiu o outro, em voz rouca. - As malditas carruagens têm a lotação esgotada para as próximas seis semanas – e apercebendo-se da expressão de desalento do interlocutor, acrescentou: - O pior não é isso, amigo. Os bandidos exigem cinquenta libras por cabeça.

Era incrível! - Deve haver outra maneira de chegar aos campos de diamantes.

- Há duas: o Expresso holandês ou a pé.

- O que é o Expresso holandês?

- Um transporte de gado, que se desloca a três quilômetros horários. Quando se chega lá, já não há diamantes. Jamie McGregor não estava disposto a aguardar até que as pedras preciosas desaparecessem, pelo que passou o resto da manhã à procura de um transporte alternativo. E encontrou-o, pouco antes do meio-dia. Passava diante de uma cocheira de aluguel que ostentava uma tabuleta com a indicação “Depósito do Correio”, quando, obedecendo a um impulso, entrou, para enfrentar o homem mais magro que jamais vira entretido a arrumar malas postais numa carruagem de duas rodas. Depois de observar a operação por um momento, resolveu interpelá-lo:

- Transportam correio para Klipdrift? - Sim, é este que estou a carregar.

- E passageiros? - inquiriu, dominado por uma súbita réstia de esperança. - Às vezes – o outro voltou-se e observou Jamie. - Que idade tem?

- Dezoito. Porquê?

- Não costumamos levar pessoas com menos de vinte e um ou vinte e dois anos. É saudável?

- Sem dúvida. - Então, fica combinado. Parto dentro de uma hora. A passagem são vinte libras.

- Estupendo! - Jamie quase não queria acreditar. - Vou buscar a mala e... - Nada de bagagem. Só há espaço para uma camisa e escova de dentes.

Examinou a carruagem com curiosidade. Era pequena e de construção rudimentar, e o corpo formava uma espécie de poço onde a correspondência ficava acondicionada. A um nível superior a este último, havia um espaço estreito em que uma pessoa se podia sentar de costas para o condutor. Seria uma viagem a todos os títulos

desconfortável; no entanto, declarou:

- De acordo. Vou buscar a camisa e a escova de dentes.

Quando regressou, o condutor engatava um cavalo à carruagem aberta, ao lado da qual se viam dois jovens corpulentos – um baixo e moreno e o outro alto e louro -, que entregavam dinheiro ao homem. - Um momento – protestou Jamie. - Você disse que eu podia ir.

- Vão todos – anunciou o condutor. - Subam.

- Os três?

- Exato! Jamie não fazia a mínima ideia de como o outro esperava que coubessem no pequeno espaço, mas sabia que se encontraria lá no momento da partida. Por fim, com um encolher de ombros de resignação, apresentou-se aos companheiros de viagem: - Chamo-me Jamie McGregor.

- Wallach – informou o moreno.

- Pederson – disse, por sua vez, o louro.

- Tivemos sorte em descobrir isto, nem? Ainda bem que nem toda a gente o conhece. - Conhece – replicou Pederson. - O que acontece é que poucos reúnem condições físicas e desespero suficiente para se aventurarem num transporte destes. Antes que Jamie pudesse pedir-lhe que se explicasse melhor, o condutor disse:

- Estamos a perder tempo! Os três homens, com Jamie no meio, espremeram-se no assento, as costas exercendo forte pressão no espaldar do banco do condutor. Não havia espaço para se moverem ou respirar. Em todo o caso, Jamie tentou convencer-se de que podia ser pior.

- Segurem-se bem! - advertiu o condutor. No momento imediato, atravessavam as ruas da Cidade do Cabo velozmente, rumo aos campos de diamantes de Klip-drift.

Nos transportes normais, a viagem era relativamente confortável. As carruagens que conduziam passageiros da Cidade do Cabo aos campos de diamantes dispunham de espaço suficiente, com cobertura de lona para proteção do sol escaldante de Inverno. Cada uma comportava doze passageiros e era puxada por pares de cavalos ou mulas, além de que, em paragens regulares, havia bebidas e refeições ligeiras, o que amenizava o percurso de dez dias. O transporte do correio era diferente. Nunca parava, exceto para mudar de cavalo e condutor. O

andamento desenrolava-se em pleno galope, num piso a que nem o mais otimista chamaria regular. Como se isso não bastasse, a carruagem não dispunha de molas, pelo que cada solavanco se transmitia aos passageiros como o coice de uma mula caprichosa. Entretanto, Jamie rangia os dentes e pensava: “Hei-de aguentar até à noite, quando pararmos para dormir. De manhã, após o sono reparador e uma boa refeição, estarei como novo!” Todavia, ao anoitecer, registrou-se uma pausa de dez minutos para a substituição do cavalo e do condutor, após o que o galope foi reatado, o que o levou a perguntar:

- Quando paramos para comer? - Não há paragem nenhuma para isso – informou o novo condutor. - O correio tem de chegar a horas ao seu destino.

A corrida prosseguiu ao longo da noite, através de estradas sulcadas de buracos, curvas apertadas e desníveis quase constantes. Jamie sentia cada centímetro quadrado do corpo maltratado, como se acabasse de sofrer a tortura medieval mais maquiavélica, estava exausto e não conseguia adormecer. Cada vez que o sono parecia na iminência de o dominar, era chamado à realidade por um dos solavancos excruciantes. Por outro lado, assolavam-no câibras dolorosas e não havia o mínimo espaço para se espreguiçar. Esforçava-se por não ponderar quantos dias decorreriam antes da sua próxima refeição, tratava-se de uma viagem de quase mil quilômetros e ninguém lhe garantia que a completaria vivo. E, à medida que o tempo passava, começava a duvidar que lhe interessasse que tal acontecesse.

No final do segundo dia o tormento convertera-se em agonia e os companheiros achavam-se no mesmo estado, incapazes de se lamentar por escassez de energias. Jamie compreendia agora a razão pela qual se insistia em que os passageiros fossem jovens e robustos.

Na terceira alvorada, imergiram no Great Karroo, onde principiava a verdadeira desolação. Prolongando-se até ao infinito, a monstruosa savana apresentava um aspecto hostil sob o sol inclemente. Os passageiros não tardaram a ser flagelados pelo calor, a poeira densa e as moscas. Ocasionalmente, por entre um véu miasmático, Jamie descortinava grupos de homens que avançavam penosamente a pé. Havia também cavaleiros solitários e dezenas de carros puxados por bois, que transportavam produtos hortícolas, tendas, apetrechos para escavar, fogões de lenha, sacos de farinha e carvão e lanternas de

petróleo. Constituíam a fonte de abastecimento dos pesquisadores de fortunas instalados em Klipdrift.

** Planalto elevado na África do Sul, estéril e seco quando não há chuvas.*

(N. do T.)

Só quando a carruagem cruzou o rio Orange se registrou uma modificação na monotonia letal da savana. A vegetação começou a apresentar-se mais alta e trocou a tonalidade parda pela verdejante. O solo era mais vermelho e principiaram a surgir árvores frondosas. “Hei-de chegar lá”, prometia Jamie a si próprio. “Hei-de chegar lá!” E, ao mesmo tempo, sentia a esperança infiltrar-se no corpo extenuado.

Havia quatro dias e noites consecutivos que tinham partido da Cidade do Cabo, quando finalmente atingiram os arrabaldes de Klipdrift.

Jamie não sabia exatamente o que se lhe depararia, mas o cenário em que fixou os olhos fatigados e congestionados não se assemelhava a coisa alguma que o

espírito lhe pudesse sugerir. Klipdrift era um vasto panorama de tendas e carruagens alinhadas nas ruas principais e nas margens do rio Vaal. A estrada de acesso estava repleta de cafres, de casacos curtos como única indumentária, e pesquisadores barbudos, além de carniceiros, padeiros, ladrões e professores. No centro da povoação, fiadas de barracões de madeira e ferro serviam de instalações a lojas, cantinas, salas de bilhares, restaurantes, departamentos de compra de diamantes e escritórios de advogados. Numa esquina, erguia-se o Hotel Royal Arch, que continha uma longa sequência de quartos sem janelas.

Jamie saltou da carruagem e não conseguiu aguentar-se nas pernas. Conservou-se reclinado no chão por uns minutos, até que se sentiu com vigor suficiente para

se levantar. Em seguida, cambaleou até ao hotel, abrindo caminho com dificuldade por entre a multidão que enchia os passeios. O quarto que obteve era pequeno, escaldante e repleto de moscas. No entanto, dispunha de um catre, no qual ele se deixou cair, para adormecer

instantaneamente.

Quando acordou, após dezoito horas de sono ininterrupto, tinha o corpo dorido, mas a alma em festa. Chegara ao ambicionado destino! Em seguida, loucamente

faminto, procurou um lugar para comer. O hotel não servia refeições, mas havia um pequeno e concorrido restaurante do outro lado da rua, onde Jamie proporcionou ao estômago motivos mais que suficientes para não continuar a protestar.

No entanto, fez uma pausa a meio, ao notar uma reação desagradável, devida à ausência de alimento durante tanto tempo, e aproveitou o ensejo para olhar em volta. Nas mesas que o circundavam, pesquisadores discutiam febrilmente o tópico que dominava os espíritos de todos: diamantes. - ...Ainda há alguns para os lados de Hopetown, mas o maior filão encontra-se em New Rust... Kimberley tem mais habitantes que Jofurg... -... Quanto à descoberta da semana passada em Dutoits-pan, dizem que há mais diamantes ao que um homem pode transportar...

-...Descobriu-se um filão em Christiana e tenciono partir para lá amanhã. Então, sempre era verdade. Havia diamantes por toda a parte! Jamie sentia-se tão

excitado que quase não conseguiu terminar a refeição. A conta deixou-o assombrado: duas libras e três xelins por um almoço! “Tenho de ser cauteloso...”

refletiu, enquanto se encaminhava de novo para a rua.

- Continuas empenhado em enriquecer, McGregor? - proferiu uma voz atrás dele.

Voltou-se e avistou Pederson, o louro que fora seu companheiro de viagem.

- Com certeza – replicou, sem vacilar. - Então, vamos para onde estão os diamantes – declarou Pederson indicando uma direção. O rio Vaal fica para aqueles lados. E começaram a caminhar juntos.

Klipdrift situava-se numa bacia, rodeada por colinas, e até onde a vista

alcançava tudo era árido, sem uma folha de relva ou um arbusto. Por outro lado, levantava-se constantemente uma poeira vermelha, que dificultava a respiração. O rio Vaal distava quinhentos metros dali e, à medida que eles se aproximavam, o ar tornava-se mais fresco. Centenas de pesquisadores alinhavam-se ao longo das duas margens, uns à procura de diamantes, outros peneirando pequenas pedras e outros ainda procedendo à sua escolha em mesas improvisadas. O equipamento variava de aparelhos de lavar terra científicos a caixas metálicas e pás. Os homens apresentavam-se crestados pelo sol, barbudos e quase andrajosos, sendo notório que o banho não era uma das operações que lhes tomava mais tempo durante o dia.

Jamie e Pederson acercaram-se da orla da margem e viram um rapaz e um homem mais velho esforçando-se por afastar um rochedo, para poderem explorar a terra em volta. Perto deles, dois outros carregavam com terra um carro de mão, a fim de a peneirarem.

- Parece fácil – comentou Jamie, com um sorriso.

- Não te fies nisso. Conversei com alguns pesquisadores que se encontram aqui há mais tempo. Desconfio que fomos levados.

- Que queres dizer?

- Sabes quantos pesquisadores há nestas redondezas, todos esperançados em enriquecer? Vinte mil! Não existem diamantes que cheguem para todos e, de qualquer modo, duvido que mereça a pena o trabalho. Uma pessoa coze no Inverno, gela no Verão, fica alagado até aos ossos com as malditas donderstorms e, ainda por cima, tem de enfrentar o pó, as moscas e a porcaria. Não se consegue um banho ou uma cama decente e não há esgotos nesta malfadada cidade. Contam-se às dezenas os casos de afogamento no rio Vaal, todas as semanas. Alguns são acidentes, mas confidenciaram-me que, para outros, trata-se da única fuga possível a este inferno. Confesso que não compreendo por que motivo esta gente continua aqui. - Compreendo eu – e Jamie fez uma pausa, fitando o interlocutor com uma expressão enigmática. - Nunca se sabe o que a próxima recolha de terra poderá conter. Não obstante, enquanto regressavam à cidade, via-se forçado a reconhecer intimamente que Pederson tinha razão. Passavam diante de carcaças de bois, ovelhas e cabras imolados que apodreciam à entrada das tendas, ao lado de trincheiras abertas que serviam de instalações sanitárias. De fato, o local tresandava quase insuportavelmente.

- Que pensas fazer? - inquiriu o louro, que o observava com

curiosidade.

- Comprar alguns apetrechos de prospeção.

No centro da cidade, havia uma loja com uma tabuleta metálica oxidada que indicava: “Salomon van der Merwe – Armazém de Artigos Gerais”. Um negro alto, de idade aproximada à de Jamie, descarregava uma galera diante da porta. Tinha ombros largos, músculos turgentes e o semblante mais bem-parecido que Jamie vira até então. Os olhos eram negro-fuligem, o nariz aquilino e o queixo voluntarioso. Levantou um pesado caixote com espingardas, colocou-o ao ombro e, quando se voltou, escorregou numa folha que caíra de um cabaz de hortaliça. Jamie estendeu os braços instintivamente para lhe valer, mas o outro ignorou-o e entrou na loja. Um pesquisador bóer, que engatava uma mula a uma carroça, cuspiu desdenhosamente e disse:

- É Banda, da tribo Barolong, que trabalha para Van der Merwe. Não percebo porque mantém o escarumba ao seu serviço. Esses danados Bantos julgam que a

Terra lhes pertence.

No interior da loja, a temperatura era agradável, constituindo um alívio em contraste com a rua quente e ruidosa, impregnada de odores exóticos. Jamie ficou com a impressão de que cada centímetro quadrado de espaço estava superlotado de mercadoria. Havia alfaias agrícolas, latas de cerveja e leite condensado, pacotes de manteiga, sacos de cimento, dinamite e pólvora juntamente com rastilhos, peças de olaria, mobiliário, armas, tintas e vernizes, presunto e fruta seca, artigos de perfumaria, bebidas alcoólicas, papel de carta, açúcar, chá, tabaco, rapé, etc. Um dez prateleiras achavam-se cheias de camisas de flanela, cobertores, sapatos, bonés, chapéus, alforjes e selas. “O dono disto é rico, sem dúvida”, cogitou.

- Em que lhe posso ser útil? - articulou uma voz suave.

Jamie virou-se e deparou-se-lhe uma jovem que não aparentava mais de quinze anos. Tinha um rosto interessante, de traços regulares, em forma de coração, nariz arrebitado e olhos verdes. - Sou pesquisador – anunciou, por fim. - Queria comprar algum equipamento.

- De que necessita? Por razões que não conseguia determinar, sentia que precisava de impressionar a rapariga, pelo que replicou, hesitante:

- Bem... o costume. - Importa-se de explicar o que considera o

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

www.portaldetonando.com.br

costume? - insistiu ela, com uma ponta de malícia. - Uma pá, por exemplo.

- Nada mais? Compreendendo que pretendia desfrutá-lo, Jamie sorriu e confessou:

- Para ser franco, não tenho calo disto. Não sei do que necessito... - Depende de que pretende pesquisar, Mister...?

- McGregor, Jamie McGregor.

- Chamo-me Margaret van der Merwe – esclareceu ela, lançando um olhar

apreensivo para o fundo da loja.

- Tenho muito prazer em conhecê-la, Miss Van der Merwe. - Chegou há pouco?

- Ontem. No transporte do correio. - Deviam tê-lo prevenido, antes de partir – a expressão dela era agora a de uma

adulta. - Houve quem morresse durante a viagem – acrescentou, com uma expressão indignada. - Não me surpreende nada – redarguiu ele, com novo sorriso. - Mas continuo bem vivo, felizmente. - E disposto a procurar mooi klippe.

- Mooi klippe?

- É a nossa expressão holandesa para diamantes. Pedras bonitas.

- É holandesa?

- A minha família veio da Holanda. - Eu sou da Escócia.

- Vê-se logo – redarguiu a rapariga olhando de novo para o fundo da loja. - Há por aí muitos diamantes, Mister McGregor, mas deve ter cuidado onde os procura. A maior parte dos pesquisadores anda às voltas, perseguindo a sua própria cauda.

Quando algum faz uma descoberta, os outros exploram os restos. Se pretende enriquecer, deve encontrar um local virgem.

- Como se faz para conseguir isso?

- Meu pai pode ajudá-lo. Conhece todos os truques. Está livre dentro de uma hora.

- Nesse caso, voltarei depois – prometeu Jamie. - Obrigado, Miss van der Merwe.

Regressou à rua escaldante, dominado por profunda euforia e esquecido das dores e dos tormentos da recente viagem. Se Salomon van der Merwe lhe indicasse onde devia procurar diamantes, nada o impediria de os descobrir. E soltou uma gargalhada, dominado pela alegria de ser jovem, estar vivo e prestes a enriquecer.

Jamie percorreu a rua principal, passando diante de um ferreiro, de uma sala de bilhares e de meia dúzia de saloons. Quando avistou uma tabuleta à entrada de um hotel de aspecto decrépito, deteve-se e leu: “R.-D. MILLER, BANHOS FRIOS E QUENTES. ABERTO DIARIAMENTE DAS 6 ÀS 20. TODO O CONFORTO DE UMA SALA ESMERADA E LIMPA”.

“Quando tomei banho pela última vez?”, perguntou-se. “Cederam-me um balde de água para o efeito no navio. Isso foi...” Apercebeu-se repentinamente de que

exalava um cheiro quase nauseabundo. Recordou-se dos banhos semanais na cozinha de sua casa e da recomendação da mãe: “Não te esqueças de lavar as extremidades, Jamie!”

Decidiu entrar e descortinou duas portas no pequeno vestíbulo: uma para as mulheres e a outra para os homens. Transpôs esta última e abordou o empregado

idoso, para perguntar: - Que preço tem o banho?

- Dez xelins frio e quinze quente.

Hesitou por um momento. A ideia de um banho quente após a longa viagem era quase irresistível.

- Frio – resolveu finalmente, refletindo que não podia desperdiçar dinheiro em luxos, pois necessitava-o para o equipamento.

O empregado estendeu-lhe uma pequena barra de sabão amarelado e uma roalha quase transparente e apontou para uma porta.

- Pode entrar.

Jamie viu-se num pequeno cubículo que continha apenas uma banheira de ferro galvanizado e alguns ganchos na parede, em vez de cabides. O homem, com um balde, começou a encher a banheira de água fria e, por último, anunciou: - Pronto, amigo. Pendure a roupa nesses ganchos. Jamie aguardou que ele saísse e principiou a despir-se. Em seguida, baixou os olhos para o corpo quase imundo e introduziu um pé na banheira. A água estava de fato fria, como fora prometido, e ele

rangeu os dentes enquanto mergulhava até à cintura, a fim de se ensaboar furiosamente. Quando se considerou satisfeito, a água encontrava-se negra. Secou-se o melhor possível com a toalha e começou a vestir-se. As calças e a camisa achavam-se quase rígidas de tanta porcaria acumulada e foi com relutância que voltou a vesti-las. Precisava de comprar uma muda de roupa, o que lhe recordou uma vez mais o escasso dinheiro que possuía. E a fome tornava a atormentá-lo.

Quando se encontrou na rua, olhou em volta por um momento e encaminhou-se para um saloon denominado Sun-downer, onde pediu a ementa do dia e uma cerveja. Serviram-lhe costeletas de carneiro com molho de tomate, puré de batata, salada e pickles e, enquanto comia, Jamie prestava atenção ao que diziam em redor.

- ...Consta que encontraram uma pedra com o peso de vinte e um quilates, perto de Colesberg. Portanto, deve haver muitas mais nas redondezas...

- ...Apareceram muitos diamantes em Heborn. Estou a pensar ir até lá... - Não sejas parvo. Os diamantes grandes estão no rio Orange...

No bar, um indivíduo barbudo, de camisa de flanela listrada e calça de belbutina, fixava o olhar melancólico numa caneca de cerveja e murmurava:

- Fiquei limpo em Heborn. Preciso de arranjar uma fonte de subsistência.

- Quem é que não precisa? - grunhiu o bartender, um homem calvo, de faces rubicundas. - Assim que juntar dinheiro suficiente nesta espelunca, sigo para o rio

Orange – continuou ele, fazendo circular um pano úmido ao longo da superfície do balcão. - Se quer um conselho de amigo, procure Salomon van der Merwe. É o

dono do armazém de artigos gerais e de metade da cidade. - Que ganho com isso? - Se simpatizar consigo, talvez o apoie.

- Parece-lhe? - o barbudo exibiu uma expressão de esperança. - Já o fez a vários fulanos que conheço. Você entra com o trabalho e ele com o

dinheiro. No fim, dividem o resultado a meias. Os pensamentos de Jamie McGregor adquiriram um ritmo mais acelerado.

Chegara com a convicção de que as cento e vinte libras que lhe

restavam bastariam para adquirir o equipamento e a comida de que necessitava para sobreviver, mas os preços praticados em Klipdrift eram incríveis. Na loja de Van der Merwe, observara que uma saca de cinquenta quilogramas de farinha da Austrália custava cinco libras.

Meio quilograma de açúcar, um xelim. Uma cerveja, cinco xelins. As bolachas, seis xelins o quilograma, e os ovos, sete, a dúzia. Portanto, o seu dinheiro não

tardaria a esgotar-se. “Na Escócia, podíamos alimentar-nos durante um ano com o preço de três refeições daqui”, refletiu, apavorado. No entanto, se conseguisse o

apoio de alguém endinheirado, como Van der Merwe... Apressou-se a pagar a conta e a visitar de novo o armazém de artigos gerais.

Salomon van der Merwe encontrava-se atrás do balcão, retirando as espingardas de um caixote de madeira. Era um homem pequeno, de rosto esguio e patilhas abundantes, com cabelos cor de areia, olhos negros minúsculos, nariz bolboso e lábios comprimidos. “A filha deve parecer-se com a mãe”, deduziu Jamie para consigo.

- Desculpe... - aventurou, hesitante.

- Já? - inquiriu o outro, erguendo a cabeça. - Mister Van der Merwe? Chamo-me Jamie McGregor. Vim da Escócia para procurar diamantes.

- Ah, sim?

- Ouvi dizer que, às vezes, ajuda os pesquisadores.

- Myn Magtig – grunhiu o homem. - Quem espalhará essas coisas? Bastou-me estender a mão a dois ou três para me julgarem um Mecnas. - Economizei cento e vinte libras – prosseguiu Jamie, com ansiedade. - Mas acabo de descobrir que não chegam para ir muito longe. Irei para o mato só com uma pá, se for necessário, embora reconheça que terei melhores possibilidades se dispuser de uma mula e equipamento apropriado.

- Wat denk ye? - Van der Merwe observava-o com uma ponta de curiosidade. - Quem lhe meteu na cabeça que era capaz de encontrar diamantes?

- Percorri metade do mundo e não saio daqui sem ter enriquecido. Se há diamantes na região, hei-de descobri-los. Caso queira ajudar-me, ficaremos

ambos ricos.

O holandês voltou a emitir um grunhido, virou as costas a Jamie e recomeçou a retirar as espingardas do caixote. Transcorrido um longo momento, perguntou de chofre: – Veio num transporte de gado?

- Não. No do correio. Fitou-o novamente e acabou por inclinar a cabeça, como se tomasse uma decisão. - Vamos trocar impressões sobre o assunto.

Na verdade, trocaram impressões, naquela noite, na dependência ao fundo da loja, que constituía o local de habitação de Van der Merwe e acumulava as funções de cozinha, sala de estar e quarto, com um reposteiro que separava dois catres. A parte inferior das paredes era de barro e pedra e o resto forrado com cartão de caixas que haviam contido provisões. Uma abertura retangular numa delas exercia as funções de janela e, em caso de chuva, podia ser encerrada por meio de uma tábua. A mesa das refeições consistia numa longa prancha apoiada em dois caixotes. Uma caixa empinada funcionava como aparador. Ao abarcar todos estes pormenores, Jamie refletiu que Van der Merwe não devia sentir inclinação para as despesas, ainda que necessárias.

A rapariga movia-se em silêncio de um lado para o outro, preparando o jantar. De vez em quando, lançava uma olhadela ao pai, mas evitava Jamie ostensivamente.

“Porque estará tão assustada?”, perguntava-se ele.

Por fim, sentaram-se à mesa e Van der Merwe principiou:

- Oremos. Agradecemos-Te, Senhor, a bondade que recebemos de Tuas mãos.

Estamos-Te gratos por nos perdoares os pecados, indicares o bom caminho e livrares das tentações. Manifestamos-Te a nossa gratidão por uma vida longa e

frutuosa e por semeares a morte entre todos os que Te ofendem. Amém! - e, quase sem uma pausa nem mudança de tom, pediu à filha: - Passa-me a carne.

A refeição era frugal: carne de porco assada em quantidade reduzida, três batatas cozidas e salada. Os dois homens conversaram enquanto comiam e Margaret mantinha-se silenciosa.

Quando consumiram tudo o que tinham nos pratos, para o que não foi

necessário muito tempo, o holandês proferiu com uma ponta de orgulho:

- O jantar estava excelente, filha – e em seguida, virando-se para Jamie: - Vamos então tratar de negócios?

- Perfeitamente.

Retirou um longo cachimbo de barro de cima do aparador improvisado, encheu-o do tabaco aromático contido numa pequena bolsa e aproximou-lhe um fósforo aceso, ao mesmo tempo que observava o rapaz com intensidade.

- Os pesquisadores daqui são imbecis. Os diamantes escasseiam e eles abundam. Uma pessoa pode quebrar as costas durante um ano e obter apenas

chlenters.

- Desculpe, mas não estou familiarizado com esse termo. - Diamantes falsos. Sem valor. Está a compreender?

- Sim, senhor. Mas qual é o caminho a seguir? - Os Grícuas.

- Perdão... - É uma tribo africana do Norte. Esses fulanos costumam encontrar diamantes enormes e às vezes trazem-mos, para negociarmos – e Van der Merwe baixou a

voz em tom cons-piratório. - Sei onde há muitos. - Porque não vai o senhor mesmo buscá-los?

- Infelizmente, não posso abandonar a loja. Roubavam-me tudo. Preciso de alguém da minha confiança para ir até lá. Quando encontrar esse homem,

fornecer-lhe-ei todo o equipamento necessário – e fez uma pausa para chupar o cachimbo.

- E hei-de indicar-lhe a localização dos diamantes.

Jamie pôs-se de pé num salto, sentindo o coração palpitar com intensidade. - Não precisa de procurar mais longe. Sou a pessoa indicada. Garanto-lhe que

trabalharei dia e noite – declarou o rapaz com a voz alterada pela excitação. - Hei- de trazer-lhe mais diamantes do que os que poderá contar.

O holandês estudou-o em silêncio, demoradamente, e, por último, inclinou a cabeça, limitando-se a pronunciar uma palavra: - Já! Jamie

assinou o contrato na manhã seguinte e verificou que estava redigido em africânder.

- Vou explicar-lhe o conteúdo – disse Van der Merwe.

- Somos sócios e eu contribuo com o capital e você com o trabalho. Partilharemos tudo em partes iguais.

O rapaz fixou o olhar na folha de papel e, no meio do arrazoado de palavras estrangeiras, reconheceu apenas as que indicavam uma quantia: “duas libras”.

- O que é isto? - perguntou, apontando-as. - Significa que, além de ficar com metade dos diamantes que encontrar, ganhará duas libras por cada semana de trabalho. Apesar de eu ter a certeza de que estão lá, existe a possibilidade de não os encontrar. Assim, obterá alguma coisa pelo que fizer.

Não havia dúvida de que o homem se mostrava de uma lealdade a toda a prova, e Jamie não pôde deixar de lhe agradecer. - Agora, tratemos do equipamento – propôs Van der Merwe.

Foram necessárias duas horas para escolher os apetrechos que acompanhariam Jamie: uma pequena tenda, um saco-cama, utensílios para cozinhar, dois crivos, uma picareta, duas pás, três baldes e uma muda de roupa. Também não faltavam um machado, uma lanterna, óleo de parafina, fósforos, sabão, alimentos enlatados, fruta, açúcar, café e sal. Por fim, ficou tudo preparado. O criado negro, Banda, sem proferir palavra, ajudou Jamie a acondicionar tudo, e este último depreendeu que não falava inglês. Margaret, por seu turno, encontrava-se na loja para atender os clientes, sem parecer interessada na presença do rapaz.

- A mula já se encontra lá fora – anunciou Van der Merwe. - Banda ajuda-o a carregar as coisas.

- Muito obrigado. Consultou um pedaço de papel coberto de algarismos e informou:

- Deve-me cento e vinte libras. - Como? - Jamie arregalou os olhos, incrédulo. - Mas assinámos um contrato e... - Wat bedui'di? - a expressão do holandês toldou-se de cólera. - Pensava que lhe oferecia o equipamento e uma mula estupenda, o fazia meu sócio e ainda por cima lhe pagava duas libras por semana? Se tinha em vista obter alguma coisa em troca de nada, bateu à porta errada – e fez menção de começar a recolher os artigos.

- Não, por favor, Mister Van der Merwe! - suplicou o rapaz. - É que não tinha compreendido. Vou dar-lhe o dinheiro! - abriu a bolsa e colocou as economias que lhe restavam em cima do balcão.

- Assim, está bem – concedeu o outro, após breve hesitação. - Foi um mal-entendido, hem? Esta cidade está cheia de vigaristas e preciso de conservar os olhos bem abertos. - Com certeza. Faz muito bem.

Jamie reconhecia que a excitação o impedira de abarcar as cláusulas do contrato, mas agora estava tudo esclarecido. “Tenho sorte em ele me conceder nova oportunidade”, admitiu para consigo.

Van der Merwe levou a mão à algibeira e puxou de um pequeno mapa amarfanhado.

- É nesta região que encontrará as mooi klippe – indicou. - A norte daqui, em Magerdam, na margem setentrional do Vaal.

- Quantos quilômetros são? - perguntou Jamie, sentindo o coração voltar a palpitar com intensidade.

- Aqui, costumamos medir a distância em tempo. Com a mula, deve cobrir o percurso em quatro ou cinco dias. O regresso deve demorar mais, por causa do peso dos diamantes.

- Já! - concordou, com um sorriso.

Quando voltou a encontrar-se nas ruas de Klipdrift, já não era um turista, mas um pesquisador, um prospector a caminho da fortuna. Entretanto, Banda acabara de acondicionar o equipamento e provisões no dorso de uma mula de aspecto frágil e Jamie agradeceu-lhe. O negro olhou-o fixamente por um momento e afastou-se sem proferir palavra, enquanto o rapaz pegava nas rédeas e murmurava:

- Vamos, companheira. Abriu a caça às mooi klippe para nós. E rumaram ao norte.

Jamie montou o acampamento junto de um ribeiro, ao anoitecer, deu de comer à mula e preparou uma refeição modesta para ele. A noite estava repleta de ruídos estranhos. Soavam grunhidos, uivos e passos de animais selvagens nas imediações. Achava-se desprotegido para os enfrentar, o que lhe provocava um sobressalto cada vez que detectava um som ominoso. Esperava ser atacado a todo o momento e pensou involuntariamente no conforto e na segurança de que desfrutava em casa. Por fim, dormiu sem repousar, os sonhos povoados por leões, elefantes e selvagens empenhados em lhe arrancar das mãos um

diamante gigantesco que encontrara. Ao amanhecer, quando acordou, a mula estava morta.

Jamie não conseguia acreditar no que os olhos lhe revelavam e procurou um ferimento no corpo do animal, convencido de que fora atacado durante o sono, mas em vão. Morrera enquanto dormia. “Mr. Van der Merwe vai responsabilizar-me pela sua morte”, refletiu, apreensivo. “Mas quando vir os diamantes, esquece-se do resto.” Não podia voltar para trás. Prosseguiria em direção a Magerdam, sem a mula. De súbito, ouviu um som no ar e ergueu a cabeça. Abutres gigantescos começavam a descrever círculos no local, o que lhe provocou um estremecimento. Agindo com a maior rapidez possível, recolheu tudo o que se lhe afigurava indispensável e partiu. Cinco minutos depois, quando olhou para trás, viu o animal morto coberto por numerosos abutres e estugou o passo.

Era Dezembro, Verão na África do Sul, e o percurso através da savana, sob o Sol alaranjado, constituía um pesadelo. Jamie iniciara a marcha em Klipdrift dominado por pensamentos eufóricos, mas, à medida que os minutos se convertiam em horas e estas em dias, começava a surgir o espectro do desânimo. Até onde a vista alcançava, a savana monótona estendia-se sob o sol escaldante, parecendo infinita.

Acampava onde descobria um pouco de água e dormia rodeado pelos sons mais sinistros, que todavia já não o aterrorizavam. Representavam a prova de que havia vida naquele inferno tórrido e contribuía para que se sentisse menos só. Certa madrugada, deparou-se-lhe um grupo de leões. Postado à distância, viu a leoa mover-se ao lado do companheiro e das crias, com uma jovem impala na boca. Um pouco adiante, depositou-a aos pés do leão e só principiou a comer depois de ele se considerar saciado.

Jamie necessitou de duas semanas para atravessar o Karroo e esteve prestes a desistir por mais de uma vez, quase convencido de que não chegaria ao fim da viagem. “Fui estúpido. Devia ter voltado para trás e pedido outra mula a Mr. Van der Merwe. Mas ele podia rescindir o contrato. Não, procedi bem assim.” E continuou em frente, com o passo cada vez mais pesado. Um dia, avistou quatro vultos à distância, que avançavam na sua direção, e o coração principiou a palpitar-lhe com ansiedade. “Estou a delirar”, pensou. “É uma miragem!” Não obstante, os vultos continuavam a aproximar-se, e a excitação acentuou-se. “Homens! Há vida humana, aqui!” Perguntou a si próprio

se ainda saberia falar, após tantos dias sem pronunciar uma palavra. Tentou pronunciar algumas palavras e quase não reconheceu a voz. Por fim, os quatro homens – pesquisadores que regressavam a Klipdrift, exaustos e decepcionados – encontraram-se na sua frente e Jamie articulou:

- Olá! Inclinarão as cabeças e um deles declarou em inflexão átona:
- Não há nada, lá adiante. Podemos garanti-lo, porque nos fartámos de procurar. Não perca tempo. Volte para trás.

E prosseguiram o seu caminho. Jamie isolou o espírito de tudo, exceto da vastidão árida à sua frente. Os raios solares e as moscas eram insuportáveis e não havia lugar algum para se refugiar.

A folhagem das escassas árvores dispersas tinha sido devorada pelos elefantes. O sol cegava-o quase por completo. A pele clara achava-se avermelhada pelas

queimaduras e acudiam-lhe tonturas constantes. Cada vez que respirava fundo, os pulmões pareciam na iminência de explodir. Já não caminhava: arrastava os

pés, colocando um à frente do outro, sem a consciência exata do que fazia. Uma tarde, quando o Sol se encontrava quase na vertical, tirou a mochila das costas e estendeu-se no chão, demasiado cansado para continuar. Fechou os olhos e sonhou que estava num cadinho gigantesco e um diamante enorme emitia raios cintilantes que o queimavam e derretiam. Acordou a meio da noite, tremendo de frio, e esforçou-se por tragar alguma coisa das poucas reservas que lhe restavam. Sabia que tinha de se levantar e reatar a marcha antes do nascer do Sol, enquanto a temperatura permanecia suportável. Tentou, mas o esforço era excessivo. Resultava mais fácil manter-se deitado no chão e não voltar a dar nem mais um passo. No entanto, uma voz segredava-lhe que a sua missão no mundo ainda não se completara. Ainda nem sequer começara. Por último, logrou pôr-se de pé e avançar com extrema lentidão, arrastando a mochila atrás dele. Mais tarde, não conseguiu determinar quantas vezes caiu na areia escaldante e tornou a levantar-se. Uma ocasião, gritou em voz rouca: “Sou Jamie McGregor e hei-de viver! Ouves-me, Deus? Hei-de viver!...” Entretanto, explodiam-lhe na cabeça palavras do passado: “- À procura de diamantes? Não deves regular bem. Tudo isso que contam são balelas, uma tentação do Demónio para impedir os homens de ganhar a vida honestamente.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Reverso da Medalha Sidney Sheldon" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).